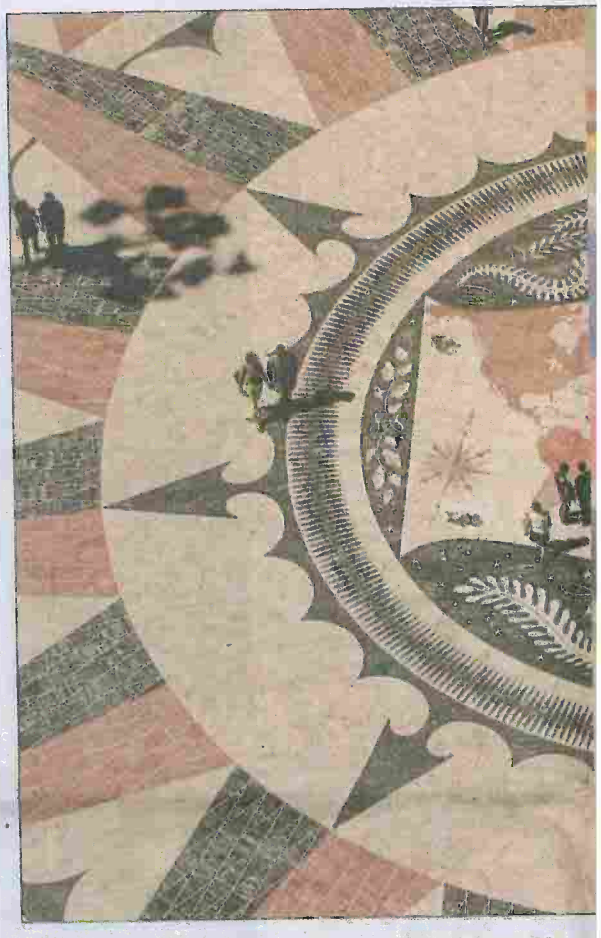
"Criticar os Descobrimentos é pôr em causa um pilar da identidade portuguesa"

As professoras Elsa Peralta, da Universidade de Lisboa, e Teresa Pinheiro, da Universidade de Chemnitz (Alemanha), dão hoje uma palestra sobre o império português em Belval. As duas oradoras falaram com o Contacto sobre como o império português marca hoje a memória coletiva portuguesa e criticam o discurso acrítico consensual que existe em Portugal sobre esse período da História portuguesa.



Teresa Pinheiro (à esq.) é professora de Estudos Ibéricos na Universidade de Chemnitz (Alemanha). Elsa Peralta é investigadora no Centro de Estudos Comparativos da Escola de Artes e Humanidades da Universidade de Lisboa.

Fotos: Uni. Chemnitz e Bruno Castanheira Simões

Nesta conferência vão começar por mostrar como o Estado Novo criou uma simbologia em torno do império português para justificar a presença nas ex-colónias...

Teresa Pinheiro: Nos anos 1930/40, época da fundação do ideário do Estado Novo, este lançou uma campanha para fazer do império um dos pilares desse ideário. Foi uma época de grande afirmação internacional em África, e o Estado Novo criou representações do império para que Portugal se afirmasse face a outras potências coloniais. Também o fizeram intramuros, forjou-se uma identidade nacional relativa ao império e uma consciência de que éramos um país colonizador.

Não tinha já havido uma glorificação do império aquando do Ultimato Inglês...

T.P.: Sim, aliás, Salazar foi muito sensível a essa campanha que surgiu com o Ultimato Inglês. Aí, ele percebeu a importância não só económica como simbólica do império. Na altura, os republicanos criticaram o Governo e o que este fez foi canalizar a emigração portuguesa do Brasil para África, para criar uma presença portuguesa. Mas a grande campanha colonial foi feita pelo Estado Novo, que desenvolveu toda uma mística colonial.

Deve-se à Exposição do Mundo Português em 1940 a construção de monumentos que mudaram o rosto de Lisboa. Ambas não hesitam em dizer que a cidade está "saturada" pela memória do império.

Elsa Peralta: O império português está muito presente no espaço público português, sempre em representações apologéticas: as Descobertas, o encontro cultural, a miscigenação dos povos, a disseminação da língua portuguesa, a civilização, a religião... Há um discurso identitário que tem um reflexo material na paisagem cultural construída em Portugal e nas ex-colónias. Em Lisboa, e mais ainda em Belém, onde já havia os Jerónimos e a Torre de Belém (séc. XVI), durante o Estado Novo mas até aos dias de hoje, foram edificados monumentos que criaram uma saturação de símbolos do império como definição da identidade nacional. Não é só um espaço da definição da identidade nacional, é o seu centro por excelência. Não é por acaso que ali se situa a Presidência da República.

Num país com nove séculos de existência, em que mais de metade ficou marcada pelo império, não é normal haver esta sobrerepresentação desse período histórico?

E.P.: O império ainda é uma âncora muita forte da identidade portuguesa. Eduardo Lourenço fala de hipertrofia e de hiperbóle quando refere a relação entre os portugueses e os Descobrimentos. Agora, a crítica pós-colonial que fazemos é que em relação a esse período há um acriticismo e uma saturação temática. Outros países passaram pelo mesmo, pela colonização e descolonização, e já fizeram essa autocrítica. A história marítima não foi só uma história de descobertas e de civilização, também houve exploração, violência, e no caso português não acabou bem. A crítica que fazemos é uma crítica cultural, ou seja, que há uma sobrepresentação temática glorificadora desse assunto e que o discurso crítico não existe.

Não existe porque os portugueses ainda são saudosistas do antigo "esplendor de Portugal"?

T.P.: Saudosistas, acho que não. Não penso que os portugueses ambicionem que Portugal volte a ser uma potência colonial. Talvez haja casos de retornados que têm saudade do seu passado nas colónias. Nesse caso, o passado pessoal coincide com o passado histórico nacional. Mas o que há muito nitidamente é um enorme patriotismo em relação ao passado colonial. Qualquer criança portuguesa conhece o nome das ex-colónias e tem um grande orgulho por termos sido uma nação colonialista. Esse orgulho nasceu com o Estado Novo, que defendia que Portugal foi pioneiro no mar, teve um colonialismo brando baseado na miscigenação. O orgulho em relação às Descobertas ainda é uma marca muito forte da identidade nacional e está muito presente na população. Isto acontece porque depois do 25 de Abril não se relativizou essa parte da nossa História, que continua a ser contada de forma muito encomiástica, de que Portugal descobriu o mundo, de que "deu novos mundos ao mundo", são chavões ainda muito presentes na sociedade.

Como se explica que países como a França já fizeram essa autocrítica sobre o seu império e Portugal ainda não?

E.P.: Essa é a grande questão. Há muitas razões. A primeira, para sermos justos com a História, é que nós, de facto, fomos um império fraco ao lado de impérios fortes. Essa condição algo subalterna em relação a outros impérios, como a Grã-Bretanha, por exemplo, serviu como uma desculpabilização para não pensarmos mais a fundo sobre o nosso papel na escravatura, no colonialismo e suas consequências. Depois, a descolonização, no caso português, acontece devido a uma mudança de regime. O pós-25 de Abril foi um tempo conturbado, havia questões de regime a resolver mais urgentes do que a descolonização, havia a eventualidade de uma guerra civil, e certas coisas passaram para segundo plano, até que as coisas se normalizassem. Não foi oportuno tratar disso na altura, mas podia ter sido depois. Mas o que aconteceu foi que nos anos 80, depois de um tempo esquecido pela historiografia, o império é resgatado para dizer à CEE que somos um povo com uma história marcada por valores culturais cosmopolitas, em sintonia com o discurso europeu da altura.

Em França, a autocrítica colonial existe também graças à ultra população das ex-colónias francesas forte que não a deixa esquecer. Em Portugal também há imigração das ex-colónias, mas não se faz ouvir nem é crítica desse período...

E.P.: Essa é a grande perplexidade. Os historiadores questionam-se: como é que Portugal tem uma população pós-colonial tão grande e que, estranhamente, não parece ter capacidade de agremiação para dar origem a uma crítica pós-colonial, e até à sua própria condição. Estamos a falar dos extratos mais baixos da sociedade e isso poderia ser o catalisador de uma discussão ou de uma tensão social latente dessas pessoas em relação ao passado colonial. Ora, isso não acontece. Em Portugal, nem os retornados se agremiaram para fazer reivindicações como os "pieds-noirs" fizeram em França. A verdade é que temos um discurso em relação ao passado colonial que se normalizou e que não foi questionado nem pela direita nem pela esquerda. Temos o discurso de um colonialismo 'light', brando, de mistura com os povos nativos que se normalizou e que impossibilitou um discurso

mais reivindicativo dessas populações.

Os Descobrimentos são um pilar da identidade nacional e se o criticarmos tentarmos fazer trocar esse pilar, é isso?

E.P.: É um dos pilares mais fortes do discurso identitário nacional. Esse discurso está de tal forma normalizado e enraizado no espaço público e no senso comum nacional que criticá-lo, até para essas populações pós-coloniais que residem em Portugal, é introduzir um elemento estranho. Não existe censura que interdite a autocrítica, é um senso comum, que os nossos Descobrimentos foram uma coisa boa, é assim que são ensinados na escola. Apesar da retórica oficial que fomos dos primeiros a abolir a escravatura [1761], a verdade é que esta subsistiu nas ex-colónias até muito tarde [1869]. Nós temos muitas responsabilidades históricas. E não há ainda em Portugal uma crítica sobre os Descobrimentos nem sobre o nosso papel no tráfico negreiro. A escravatura continua a ser uma nota de roda-pé da nossa História apresentado com grande normalidade. Talvez seja por isso que ainda não exista um Museu da Escravatura. Bom, existe um no Algarve [em Lagos], mas não é um espaço institucional. Não há em Portugal uma crítica sobre o nosso papel no tráfico negreiro.

Entretanto, esse passado é instrumentalizado pelos políticos em tempos de crise e não só...

T.P.: Sem dúvida. O império faz parte da consciência e da identidade nacional. Não há nenhum partido que ponha isto em causa. Nem PS, nem PSD, nem o Partido Comunista, que participa neste consenso do glorioso passado colonial. Talvez o Bloco de Esquerda seja um partido com um discurso mais crítico neste assunto. Mas é um consenso geral na sociedade que tivemos um passado glorioso. Esse consenso tem o aspeto positivo de poder mobilizar a população através do discurso patriótico. Por exemplo, nos anos da crise, vimos uma sociedade portuguesa muito coesa para fazer face à troika. Este é um discurso muito usado pelos políticos porque sabem que chegam à maioria da população. O negativo é que isso não tem conteúdo político. No mundo académico há um discurso crítico ao colonialismo, mas no discurso político e público não existe. E afinal nós passamos séculos a explorar povos que não tinham que ser explorados...

E.P.: Na minha opinião este discurso apologético ao império é um discurso plástico, que tem a capacidade de se adaptar. A própria esquerda não faz sobre isso uma crítica contundente e até já o usou no seu discurso de resistência contra a troika, contra a viragem da direita ideológica de exclusão que está a acontecer na Europa e no mundo... É um discurso que tem sido utilizado por diferentes regimes e facções políticas. As atuais campanhas de branding nacional continuam a recorrer a esses símbolos e até o futebol recorre a isso. Talvez os psicanalistas possam analisar porque os Descobrimentos são algo um pouco obsessivo do ponto de vista da auto-imagem. Penso que temos alguma dificuldade em afastar-nos dessa imagem. Não acho que Portugal tenha uma vocação universalista, mas verdade seja dita: no momento atual, em que assistimos a uma radicalização em relação ao outro, com bases profundamente racistas, esse nosso discurso sobre a nossa suposta natureza universalista, que é errado porque não permite uma crítica e uma consciência histórica correta, por outro lado previne essa radicalização. Graças a esse discurso, em Portugal não temos partidos de extrema direita com expressão política como noutros países.

"Talvez os psicanalistas possam analisar por que razão os Descobrimentos são algo um pouco obsessivo do ponto de vista da auto-imagem".

A crítica ao colonialismo português existe no mundo académico, mas falta fazê-lo chegar às escolas e ao espaço público. É preciso retirar algum heroísmo à História de Portugal, sem cair na diabolização?

T.P.: Sim, falta, mas também não podemos passar de um extremo ao outro. Ao criticarmos o passado colonial isso não significa que este não seja uma marca da identidade nacional. Não se pode negar. Vivemos cinco séculos com uma economia e uma sociedade colonial. Agora, há trabalhos que ainda não fizemos e que outros países já fizeram. A Alemanha, por exemplo – não podemos comparar porque é um caso completamente diferente –, apostou em enfrentar esse passado e relativizar. Ou seja, é importante termos a consciência do que foi o colonialismo português. E mesmo os Descobrimentos. A descoberta do caminho marítimo para a Índia foi realmente uma grande façanha, mas não podemos continuar a dizer chavões como 'Portugal descobriu o mundo'. Sem esquecer os factos históricos, temos de relativizar e não ter medo do discurso auto-crítico, sobretudo tendo em conta que hoje ganhámos uma nova identidade que é a identidade europeia.

E porque não salta então essa crítica do mundo académico para o espaço público?

T.P.: Quando andei na escola, nos anos 80, não havia a mínima distância em relação ao passado. Não tive um único professor durante a minha formação escolar que fosse minimamente crítico dos Descobrimentos ou da História de Portugal. Hoje, esse discurso já existe no mundo académico, mas ainda estamos a falar para nós próprios. Damos e ouvimos conferências e dizemos "não há discurso crítico", mas é um sub-discurso académico e realmente talvez passe muito pouco cá para fora. Apesar de eu não viver em Portugal há 20 anos, acompanho e vejo que mesmo assim vão sendo feitas coisas para esse discurso auto-crítico avançar. Mas há um certo medo de perder no discurso auto-crítico esse pilar tão importante da nossa identidade nacional.

E.P.: Acho que esse discurso crítico já vai acontecendo... É obrigação dos académicos fazerem uma comunicação mais larga junto do público, que saia do formato do artigo académico, que possa chegar a um público mais vasto, promover um debate aberto, amplo, mas com respeito pelos afetos que as pessoas têm.

Só se começou a publicar livros sobre os retornados há alguns anos. Porque passou tanto tempo sem haver nada? Foi um período necessário de nojo?

E.P.: Há muitos factores. O período pós-revolucionário foi muito difícil, os retornados foram o bode explatório da colonização, eram o lado mais visível do colonialismo. Os retornados tiveram que se integrar, receberam apoios estatais, fizeram a sua vida e não tiveram tempo para lutas reivindicativas. Depois, diluíram-se no resto da população, houve um crescimento económico e as pessoas estavam entretidas a consumir. Mas se durante tanto tempo não se falou nos retornados é porque há responsabilidades da direita e da esquerda.

Criticar a descolonização, pode ser visto como pôr em causa o regime democrático. Após o 25 de Abril, não era útil do ponto de vista da paz social falar nos retornados e eles acabaram por ser atirados para debaixo do tapete. Foi também preciso tempo para que a imagem pacífica que os retornados davam de si mesmos em relação ao nativo das colónias mudasse, porque a verdade é que eram relações assimétricas, de exploração, de poder, abuso, violência... Comecei a estudar os retornados porque me questionei sobre quantos tinham sido e dei-me conta que entre 500 e 800 mil retornados regressaram a Portugal, se não contarmos os que foram para outros países. E se lhes acrescentarmos os seus descendentes, é muita gente numa população de 10 milhões.

Ultimamente, tenho trabalhado com os testemunhos dos retornados da descolonização portuguesa, que guardam hoje ressentimentos vários em relação a esse período, quando foram obrigados a regressar ao país sem pré-aviso. Há aqui um paradoxo, entre uma memória pública que é muito favorável, apologética, e depois uma memória privada, que guarda traumas, ressentimentos, acusações e que do ponto de vista da identidade nacional ainda não está resolvida.

José Luís Correia

A conferência em inglês "Remembering Portuguese Empire Today: From Public Memory to Personal Testimony" (Recordando o Império português hoje: da memória coletiva aos testemunhos pessoais) tem lugar esta quarta-feira, às 18h30, na sala 3.520 da Maison du Savoir, em Esch-Belval. No final, o público pode colocar questões em francês. Inscrições em www.bit.ly/PortuguesePempire